



Florianópolis, v.12, n. 2, ago / dez. 2018.



Universidade Federal de Santa Catarina
 Centro de Ciências da Educação
 PET/PEDAGOGIA
 Núcleo ERER – Educação das Relações Étnico-Raciais



Editorial

Cara leitora e caro leitor,

Nos últimos quatro anos no Brasil, vivemos momentos de muita tensão. Direitos conquistados precisam ser, a todo instante, salvaguardados para que não sejam colocados na berlinda. As cotas raciais nas universidades; a Lei no 10.639, de janeiro de 2003, que criou a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo brasileiro; as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004), entre tantas outras políticas afirmativas contribuem, sem dúvida, para um país menos racista. Na luta pela manutenção dos direitos, sigamos em frente!

O segundo número do Abiodum de 2018 tematiza o conceito “mulher” em uma perspectiva da diversidade de marcadores identitários, buscando uma reflexão sobre a posição de mulheres negras e indígenas na universidade, sobretudo por meio da homenagem à professora doutora Nilma Lino Gomes e Sonia Bone Guajajara e as entrevistas com três pesquisadoras negras, uma pesquisadora e duas estudantes, ambas indígenas, ligadas à UFSC.

Desejamos uma boa leitura!

Conselho Editorial: Debora Cristina Araújo (UFES); Eliane Debus (UFSC); Etevlino Guila (Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique); Jilvania Lima dos Santos Bazzo (UFSC); Joana Celia dos Passos (UFSC); Maria Aparecida Rita Moreira (Rede Estadual de Educação); Paulo Vinícius Baptista da Silva (UFPR).

Conselho Executivo: Eliane Debus; Jilvania Lima dos Santos Bazzo; Juliana de Sousa Barbosa; Lucas Rodrigues Menezes; Suelen Amorim Ferreira; Thayene Marcia Esquivel da Cruz.

Colaboradoras: Tatiana Valentin Mina Bernardes; Jilvania Lima dos Santos Bazzo; Suelen Amorim Ferreira; Thayene Esquivel da Cruz; Jéssica Juliane Lins de Souza; Jacyara Camargo; Juliana de Sousa Barbosa; Lucas dos Santos Menezes; Maria Lucia Martins.

Tutora PET/Pedagogia: Jilvania Lima dos Santos Bazzo

Professoras Colaboradoras PET/Pedagogia: Eliane Debus e Maria Hermínia Lage Laffin

Projeto Gráfico e Diagramação: Andrei Cavalheiro e Pedro Salles Iwersen

Endereço: Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n Trindade, Florianópolis-SC, CEP 88040-900

Re-existências literárias: a cultura africana e afro-brasileira nos livros de literatura para infância

Tatiana Valentin Mina Bernardes

Mestra em Educação,
professora da Rede Municipal de Florianópolis (SC)

A escolha pela Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira nos livros de Literatura para infância como tema de pesquisa alia-se a minha trajetória pessoal e profissional. Pessoal, porque, como mulher e negra, lembro-me da minha infância, quando não me via representada nas personagens dos livros, desenhos e filmes infantis, bem como nos brinquedos, em especial as bonecas, minhas companheiras de brincar. Na adolescência, a continuidade da não identificação com as personagens dos filmes, das novelas, das propagandas. E na escola, as dificuldades que enfrentei, por não identificar nas narrativas e personagens dos livros didáticos e literários elementos que contassem de forma positiva a história da população negra. Já adulta, consciente da minha identidade e pertencimento racial como trabalhadora, mãe e militante, fortaleço a convicção de que preciso ser uma agente de transformação, no meu fazer profissional, para a desconstrução e reconstrução dos conhecimentos sobre a história, cultura e identidade da população negra.

Os estudos referentes à formação inicial e continuada dos professores que atuam na Educação Básica acompanham minha trajetória profissional desde a entrada no curso de Pedagogia, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bem como, na minha constituição como professora, atuando na Educação Infantil. No encontro com as crianças, identifiquei a importância de desenvolver práticas pedagógicas que possibilitem às crianças negras construir uma identidade positiva de si, assim como as crianças brancas, e que ambas possam perceber-se nas suas diversas identidades e diferenças. Nessa inserção do cotidiano com as crianças, surgem



muitos questionamentos que intensificam a vontade de buscar mais conhecimentos. Na procura pela qualificação profissional, realizei um curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Educação Infantil e Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

A necessidade de aprimorar minha formação se intensifica a partir da inserção no trabalho como Assessora Pedagógica da Diretoria de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, à frente do planejamento da formação continuada dos profissionais da educação. Em especial, nos aspectos que envolvem a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), com foco na Literatura de Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira. Bem como na entrada para o Grupo de Pesquisa de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (LITERALISE) da UFSC, coordenado pela professora Dra. Eliane Santana Dias Debus. Estes espaços de atuação criaram o desejo de me tornar uma pesquisadora na área da Literatura Infantil de Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira e impulsionam a minha entrada como mestrande no PPGE

da UFSC, na Linha Ensino e Formação de Educadores (EFE). Atualmente também integro o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Diferença, Arte e Educação – ALTERITAS da UFSC, coordenado pela professora Dra. Joana Célia dos Passos.

A pesquisa que desenvolvi, sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Santana Dias Debus e co-orientação da profa. Dra. Joana Célia dos Passos, realiza um estudo sobre os acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para Educação Infantil, nas suas quatro edições (2008, 2010, 2012 e 2014). O objetivo foi mapear e analisar os livros de Literatura Infantil que focalizam a Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira (DEBUS, 2017), seja pelo texto escrito (palavra), ou pela ilustração (imagem).

Importante destacar que esta pesquisa se insere num contexto econômico, político e social conturbado, com um governo ilegítimo, onde são instauradas políticas que representam enormes retrocessos, com perdas de direitos, constantes denúncias de corrupção, falta de respeito às diferenças e suspensão de políticas públicas como o PNBE - Plano Nacional Biblioteca na Escola.

Neste sentido, a manutenção de Programas de incentivo a leitura literária torna-se ainda mais necessário e saliento a relevância do desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) para que possamos reverter esse cenário. Neste sentido, destaco a importância das políticas de ações afirmativas, como a lei 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nos artigos 26 e 79, determinando a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras no currículo das escolas brasileiras, a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER), de 2004, a implantação da lei 12.793/2013, que estabelece a diversidade étnico-racial como princípio da educação nacional, e as cotas raciais nas universidades, que evidenciam os avanços promovidos por essas políticas na constituição de um país antirracista.

Nilma Lino Gomes e Sonia Bone Guajajara: mulheres que inspiram

Jilvania Lima dos Santos Bazzo

Tutora do PET Pedagogia / UFSC

**Suelen Amorim Ferreira
e Thayene Esquivel da Cruz**

Bolsistas do PET/Pedagogia - UFSC

O segundo número de 2018 do *Abiodum* está repleto de notáveis mulheres que inspiram a tantas outras. A presente página é dedicada a homenagear duas grandes mulheres, que seguem ocupando espaços sociais e firmes na luta contra toda e qualquer forma de segregação e opressão histórica.

A elas dedicamos esta edição!

Homenagem à Nilma Lino Gomes

Nilma Lino Gomes é pedagoga e Mestra pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Doutora pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado pela Universidade de Coimbra. Com notória atuação na promoção de políticas raciais e na luta por democracia e igualdade racial, sua trajetória é marcada por notórias ações nos segmentos políticos, o qual, podemos citar algumas de grande destaque como sua atuação como ministra da Secretaria de Políticas de Igualdade Racial (SEPPIR) em 2015 e a primeira mulher negra como reitora de uma Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) de 2013 a 2014. Sendo esta uma enorme conquista de todo o povo brasileiro, principalmente a população negra.

Atualmente Nilma compõe o corpo docente da UFMG e atua em pesquisas sobre educação, relações étnico-raciais e políticas públicas. Com inúmeros trabalhos que visam uma educação pautada na equidade e diversidade dos diferentes sujeitos, ela acumula prêmios e títulos que resultam de sua trajetória aguerrida. Assim como também

livros e trabalhos com outros admiráveis pesquisadores e escritores.



Homenagem à Sônia Bone Guajajara

Sônia Bone de Souza Silva Santos é uma líder indígena brasileira. Nascida na Terra Indígena Araribóia, Maranhão. Graduada em Letras e Enfermagem, Pós-graduada e especialista em Educação especial pela Universidade Estadual do Maranhão. Tem 39 anos de luta e resistência pelo seu povo e povos indígenas do Brasil. Foi diretora de uma das entidades mais representativas da luta indígena no Maranhão, a COAPIMA – Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão e hoje Vice Coordenadora da COIAB – Coordenação das

Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira com sede em Manaus – AM e que faz uma luta há 24 anos na defesa dos povos indígenas da Amazônia. Recebeu em 2015 a Ordem do Mérito Cultural. Sônia tem uma extensa trajetória em defesa da vida e dos direitos dos povos indígenas brasileiros, a começar por seu povo de origem os Guajajara/Tentehar.

Com certeza uma história de muita luta e resistência, e quiçá vitórias, pois Sônia foi a primeira mulher indígena na história a concorrer o pleito presidencial nas eleições de 2018.

Sônia possui ações relevantes como, ocupações contra ofensivas, várias viagens internacionais denunciando a Usina de Belo Monte, a violência e a violação de direitos; Encontros com o relator Especial da ONU – Belo Monte/MS, criminalização de lideranças; Encontro com assessoria de Obama falando da importância da organização indígena e dos indígenas para a preservação do Meio ambiente e para o equilíbrio do clima; Participação em várias revistas informativas e culturais; ocupação do plenário da Câmara e do Palácio do Planalto. Sônia Guajajara é exemplo de força, resistência e uma verdadeira guerreira.



Esta é Sônia Bone Guajajara, uma grande liderança nacional, uma sensível mulher indígena que acredita e ousa construir um mundo diferente, “mas um diferente que valorize as diferenças, as competências, as habilidades e, sobretudo, a riqueza e as diversidades culturais, o deus que cada ser humano é” – diz a guerreira.

A formação acadêmico-científica de mulheres negras e indígenas: possibilidade de outras existências, promovendo a vida com os nossos povos

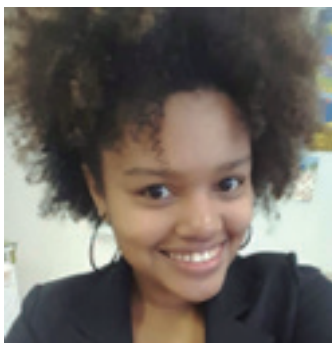
Jilvania Lima dos Santos Bazzo
Tutora do PET Pedagogia / UFSC

Jéssica Juliane Lins de Souza
PPGE / UFSC Alteritas

Jacyara Camargo, Juliana de Sousa Barbosa, Lucas dos Santos Menezes e Maria Lucia Martins
Bolsistas do PET Pedagogia / UFSC

Esta sessão do Abiodum apresenta entrevista com mulheres negras e indígenas, estudantes e pesquisadoras da UFSC. No primeiro grupo se destaca as pesquisas e reflexões de acadêmicas que concluíram em 2018 o seu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Camila da Silva Santana, Ivanilde de Jesus Ferreira e Zâmbi Osório. No segundo grupo se apresenta Geny Lopes, estudante do Curso de Pedagogia, Juçara de Souza, estudante de Licenciatura Intercultural indígena e Joziléia Daniza Jagso Inácio Jacodsen, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

Mulheres negras na educação: entrevistas com pesquisadoras do PPGE/UFSC



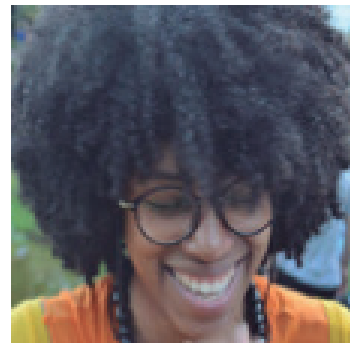
Camila da Silva Santana

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE / UFSC
Título: Juventudes negras: pertencimento racial e reconhecimento em uma comunidade de traços açorianos no sul do Brasil
Orientadora: Joana Célia dos Passos.



Ivanilde de Jesus Ferreira

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UFSC
Título: Negros e negras: das políticas de ações afirmativas ao mercado de trabalho.
Orientadora: Joana Célia dos Passos.



Zâmbia Osório dos Santos

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UFSC
Título: Quando o texto fala: narrativas de Lenira Maria de Carvalho, uma mulher negra, trabalhadora doméstica
Orientadora: Eliane Debus
Co-orientadora: Joana Célia dos Passos.

1) Em artigo publicado na página do Instituto da Mulher Negra - Geledés (disponível em <https://www.geledes.org.br/sociedade-precisa-reconstruir-o-imaginario-social-da-mulher-negra-diz-sueli-carneiro/>), Sueli Carneiro diz que “A sociedade precisa reconstruir o imaginário social da mulher negra”. Em poucas palavras, como você vê o papel da pesquisadora negra na reconstrução desse imaginário?

Camila: Ser pesquisadora me possibilita dialogar sobre as questões que atravessam a população negra em diferentes espaços que antes não pensaria ser possível só com minha formação. Identificando em minhas vivências situações de racismo que passavam despercebidas e que a partir de todo conhecimento aprendido, pude entender como se davam as relações nesse sistema nessa sociedade. Então, ser pesquisadora me possibilitou ampliar esse conhecimento, me possibilitou mostrar para as pessoas que há essas pluralidades e que precisamos estar discutindo sobre isso, principalmente porque ainda há resistência sobre este diálogo tão necessário. Eu falo muitas vezes: - “ eu quero ver aguentar ser negro em um único dia nessa sociedade?”, ao qual violenta a população negra da pior forma possível.

Ivanilde: Esse papel se dá na medida em que avançamos nessa reconstrução e na luta antirracista, podemos resgatar o fortalecimento das identidades das nossas crianças negras. Colocando para elas desde cedo o protagonismo das mulheres negras na sociedade brasileira, Resgatando as histórias das mulheres negras que tiveram suas identidades invisibilizadas, usando a pesquisa como ferramenta nesta apresentação. Que pode ser difundida desde a primeira infância, mostrando para as meninas negras e para os meninos negros narrativas literárias em que os

negros são protagonistas, mostrar que existiram e existem negros/negras reis e rainhas, mostrando a historicidade pelo olhar das mulheres.

Zâmbia: Penso que minha a narrativa está construída pensando mulheres. Essa marcação é de fundamental importância, pois é comum o erro epistemológico da “narrativa do negro”, em nosso caso, “negra única”. A narrativa do negro único – racista, é preciso dizer – é aquela na qual a branquitude, enquanto forma de ver e estar no mundo como branco, com privilégios simbólicos reproduzidos na sociedade que concedem poder aos brancos e não são sentidos nem pensados como uma questão racial – funciona de forma que mulheres brancas têm direito à diversidade e, principalmente, à singularidade de narrativas. As mulheres negras passam a figurar na disputa por um único espaço de representação da “mulher negra”, no singular, uma simplificação das subjetividades e questões específicas que compõem cada uma das pessoas deste grupo social. Ser uma pesquisadora negra traz a possibilidade de outras existências, e é também potência e ressignificação das muitas mulheres que vieram antes de nós.

2) Que lugar ocupa a sua pesquisa neste contexto?

Camila: Eu acredito que nós precisamos falar cada vez mais sobre o racismo, porque ele estrutura nossa relação de poder e é isso que eu tento falar nas minhas rodas de conversas, tento trazer para o meu contexto social de vida, e é isso que eu carrego na minha vida. Eu tento fomentar em todos os espaços onde estou, ainda que perceba olhares indiferentes a gente precisa estar falando desse assunto. Pois falar sobre racismo é uma luta diária, e que não é apenas da população negra, é um

dever de todos nós, de todas as pessoas. Que independente da cor de pele, deseja no mundo a luta antirracista e é papel dos brancos se somarem a esta luta para conseguirmos mudanças, e isto só acontecerá quando a gente falar disso abertamente. É um passo de formiguinha, mas acho que é por aí que vamos conseguir algum tipo de transformação. Acredito que é pelo conhecimento que a gente pode modificar toda essa estrutura.

Ivanilde: As pesquisas das mulheres negras são pesquisas que pontuam o lugar do negro na sociedade, antes de tudo, falam da realidade negra, mas, além disso, inserem o negro no local onde até duas décadas atrás o negro era um objeto de pesquisa - essa era posição dos negros nas pesquisas. Nesse sentido, as políticas de ações afirmativas colocam o negro no local de protagonismo de sua história e isso faz com que os próprios negros passam contar as suas histórias, pesquisar sua realidade, sem pedir ao branco um aval para escrever a sua história. Nesse sentido, concordo com a pesquisadora, Djamila Ribeiro (2017) no seu livro "O que é lugar de fala", quando a pesquisadora aponta que os locais desde onde as pessoas vão experimentar o racismo e vão falar dessa questão se dão de formas diferentes, distintas. Nesse caso, os negros podem contribuir com as suas pesquisas de forma positiva. É assim que as minhas pesquisas estão contribuindo com a realidade da população negra, ou seja, colocando a realidade, experiências e vivências desses sujeitos, que passam a ser autores de suas próprias histórias, contribuindo para o protagonismo da população negra. Nesse sentido, que estou me inserindo como pesquisadora de políticas de ações afirmativas.

Zâmbia: Ao reconhecer o letramento político de uma mulher negra, trabalhadora doméstica,

sindicalista – Lenira Maria de Carvalho – que tem em sua história a história de muitas mulheres da sociedade brasileira é reconhecer a resiliência presente em suas vivências, nossa pesquisa é muito motivada pela necessidade de ampliação do tempo presente, por meio das realidades que outrora estavam ausentes ou ignoradas, buscamos o reconhecimento dessas realidades, pois este movimento amplia a diversidade, temporalidades e reconhecimento das diferentes formas de produzir saberes.

3) Levando em conta o atual cenário político brasileiro, que palavra de esperança você deixa para as jovens mulheres que leem o Boletim Abiodum?

Camila: A palavra que eu deixo é acredite em você, mesmo que o mundo todo desacredite, acredite em você. Porque se você não acreditar em ti, ninguém vai acreditar. 'Não' na vida, levei vários. Pessoas dizendo pra mim que eu não ia chegar a lugar nenhum, várias pessoas. Então, tu precisa acreditar em ti, não sei de que modo tu vai fazer isso, acredite que você vai chegar acredite nos seus sonhos. Sabe aquele sonho lá atrás que a gente tem de fazer alguma coisa, vai fundo nele, porque eu vejo isso pelos meus pais que não concluíram a escolaridade por palavras negativas ditas a respeito de suas capacidades. E essa baixa autoestima, se ela não for trabalhada desde a educação infantil como é que esse jovem, esse adulto vai chegar a uma autoestima elevada? É muito difícil. A minha pesquisa tem esse objetivo, de atingir os jovens, de colocar várias reflexões na cabeça dele, gerar debates sobre essas questões, compreender o pertencimento racial deles, desde a infância até a juventude, para saber lidar com todas essas questões para chegar a uma sala de aula e se posicionar e não se silenciar como várias vezes eu me silencieei por não entender todas essas questões. Então, eu

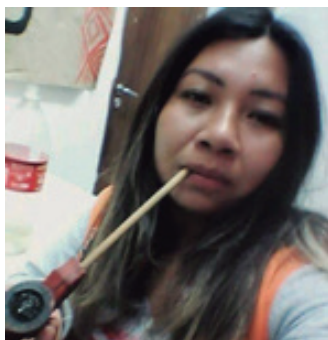
acho que esse é o meu papel, fomentar reflexões e fazer papel de formiguinha.

Ivanilde: Colocar para as futuras gerações de mulheres negras que esta é uma luta constante, de afirmação reafirmação das mulheres negras, principalmente no atual contexto da política brasileira, é muito importante. Percebo que o atual momento requer a busca por garantir os direitos já conquistados, como as políticas de ações afirmativas e a lei 10.639/2003 que alterou a LDB, sinalizando a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares, assim pontuando alteração nos currículos universitários,

colocando para os professores novos desafios. Como pesquisadora das relações raciais vejo que nós, pesquisadoras negras, temos que nos fortalecer por meio de novas perspectivas teóricas e metodologias de pesquisa, ou seja, outros saberes, desconstruindo o que os colonizadores vem pontuando para os negros, olhando para o continente africano como potência que tem muito a contribuir para as nossas identidades e os nossos saberes.

Zâmbia: Nós estivemos aqui e continuaremos aqui depois deles. A luta não começou agora e não finda tão cedo.

Mulheres indígenas na educação: entrevistas com estudantes e pesquisadoras da UFSC



Geny Lopes

Estudante do Curso de Pedagogia da UFSC. Seu nome na certidão é Geny Lopes, na aldeia a chamam de Rethé, tem 27 anos. É da etnia Guarani e mora na aldeia de Imaruí.



Juçara de Souza

Estudante de Licenciatura Intercultural indígena. Seu nome na certidão é Juçara de Souza, na aldeia a chamam de Jaxuka Poty, tem 32 anos e mora na aldeia do Morro do Cavalos Itaty.



Jozélia Daniza Jagso Inácio Jacodsen

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Seu nome na certidão Joziléia Daniza Jagso Inácio Jacodsen, tem 38 anos. Na aldeia a chamam Daniza ou Niza. É da etnia Kaingang e é a Terra indígena Serrinha.

1) Qual a visibilidade da mulher indígena na sociedade hoje?

Geny: Nós, mulheres indígenas. Não somos percebidas na sociedade, na Universidade e nem dentro das salas de aula.

Juçara: Hoje a mulher indígena foi mais indicada para ser, professora e liderança, isso só acontece quando a visibilidade é para os não indígenas, mas na aldeia para nós indígenas as mulheres é quem decide tudo, desde o momento em que a mulher nasce ela já nasce com o dom de cuidar de sua família e comunidade onde vive, para nós a mulher é o gênero que nunca desiste, o alicerce forte de uma comunidade.

Joziléia: As mulheres indígenas são invisibilizadas, na sociedade nacional. Quando praticando o comércio de artesanato, elas estão ali na cidade de forma anônima. Embora isso esteja mudando, tivemos algumas mulheres indígenas participando dos pleitos eleitorais, como a Sônia Guajajara, Eunice Kerexu e Joenia Wapichana, eleita deputada federal pela REDE em Roraima.

2) Quais os desafios, lutas e conquistas para as mulheres indígenas nos cursos de graduação?

Geny: O maior desafio encontrado foi sair da aldeia, deixar a família, e vir morar na cidade grande, lugar totalmente diferente da nossa realidade dentro da aldeia. A nossa maior luta, é se adaptar aos novos ambientes, a convivência com novas pessoas, e a alimentação, pois muitos alimentos não pertencem a nossa cultura. A conquista é o conhecimento da cultura dos brancos que

adquirimos, para levar para a aldeia e mostrar ao nosso povo. Além, de ensinar para as futuras gerações, e mais que irão vir estudar na cidade.

Juçara: A principal dificuldade é a educação escolar, pois a mulher demora mais para se formar, por causa de reclusos nos seus períodos de transição de menina para mulher, assim demorando mais para fazer uma graduação e ainda tem seus filhos, pois se casam muito cedo, suas famílias que sempre estão cuidando de sua saúde mental, seu psicólogo, ajudando a ser cada vez uma mulher forte para que futuramente seja uma das lideranças também.

Joziléia: As mulheres indígenas no contexto acadêmico, passaram a ter voz mais ativa, de empoderamento. O ensino superior é uma abertura para a construção dos discursos desta mulher indígena que está se construindo também na academia.

3) O feminismo dentro da Universidade ajuda as mulheres indígenas a se tornarem lideranças nas aldeias?

Geny: Sim, porque as mulheres adquiriram mais conhecimento, do que os outros indígenas. Assim nos tornamos mais conhecidas, tanto dentro como fora da aldeia.

Juçara: Com certeza, mulheres que saem de suas aldeias e estudam, têm uma ferramenta a mais para defender os interesses, sempre com novos horizontes, buscando o melhor para o seu povo.

Joziléia: Acredito que são posições diferentes. Ser liderança nas aldeias é um reconhecimento

da atuação da pessoa indígena. O feminismo da universidade ajuda na compreensão dos direitos e empoderamento da Mulher indígena.

4) Qual a importância do curso de graduação, para a cultura e as mulheres indígenas?

Geny: Obter conhecimento, e levar para a aldeia para poder ajudar o meu povo.

Juçara: Para hoje, onde o Brasil e o mundo se encontra, as mulheres indígenas devem sim ter uma graduação, pois é nesse momento que todas irão levantar e ajudar seu povo nas dificuldades, pois hoje a luta é de estratégias, luta de caneta e papel e sabendo escrever com poder de igual para igual.

Joziléia: Nós Indígenas compreendemos que havia a necessidade de estar preparados para fazer enfrentamentos e ocuparmos espaços. As mulheres indígenas estão usando estes instrumentos para as melhorias das nossas comunidades.

5) O que motiva você, mulher indígena a buscar um curso de graduação?

Geny: Os principais motivos que me fez vir estudar na Universidade é o fato de na minha aldeia a maioria dos professores serem não indígenas. E eu, escolhi o curso de pedagogia para poder dar aula na escola da minha aldeia. O que me motiva, é poder ter um bom trabalho. Para ajudar a minha mãe, na condição financeira, e assim garantir o futuro do meu filho.

Juçara: Muitos motivos, os principais são de usar os conhecimentos contra os

conhecimentos contrários, pois o povo não indígena acha que quem tem uma graduação é melhor do que uma que não tem, assim nós, juntos com lideranças mulheres das aldeias decidimos que todas as mulheres com vontade de defender o seu povo terão total apoio das mulheres mais velhas, onde por mais que tenham estudos nunca deixam de ouvir o que cada liderança mulher quer para sua comunidade.

Joziléia: Eu busquei para contribuir com a minha comunidade. Para trazer possibilidades de construções e projetos para nosso povo.

6) Deixe uma mensagem de (re)existência para as mulheres indígenas que pensam em ingressar na Universidade.

Geny: Por maior, que seja as dificuldades que nós mulheres indígenas passamos, aqui na cidade no meio dos brancos, a melhor coisa é aproveitar a oportunidade de conseguir ingressar na Universidade.

Juçara: Está mais que na hora de todas as mulheres que estão tentando cuidar e levar seus legados para o futuro, fazerem sim uma graduação, para assim falar de um patamar onde os outros que não sabem de seu povo ouça o que realmente nós queremos para nosso futuro e o nosso futuro são nossos filhos e filhas, colocando ao mundo quem realmente nós somos.

Joziléia: Ser mulher indígena é já nascer guerreira, sigamos juntas promovendo a vida com os nossos povos.